



O
SEGREDO
DE
AURÉLIA
ESPERANZA PRADO

O
SEGREDO
DE
AURÉLIA
ESPERANZA PRADO

Direitos autorais © 2020 Esperanza Prado

Todos os direitos reservados.

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas é coincidência e não é intencional por parte da autora.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou de outra forma, sem a permissão expressa por escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Capa: Fernanda Marques
Leitura Sensível: Larissa Canêdo
Revisão e Leitura Crítica: Luciana Fauber
Diagramação: Esperanza Prado

Para todas as bruxas que passaram pela minha vida.

Índice

[Direitos autorais](#)

[Dedicatória](#)

[Dança](#)

[Encontro](#)

[Traição](#)

[Confronto](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Outros livros](#)

*Se você é uma bruxa, agora seria o momento perfeito para
usar seus poderes.*

— Diana Gabaldon, 2015

Dança

Inglaterra, 1611

As ruas do pacato condado de Lancashire, localizado no noroeste da Inglaterra, estavam assustadoramente vazias. Passava de meia-noite e qualquer pessoa de respeito — e inteligência — supostamente já deveria estar em seu terceiro sono ou, pelo menos, segura dentro do calor e proteção de sua casa, aconchegada perto da lareira e escondida dos perigos trazidos pela noite.

Nos arredores do vilarejo era possível escutar o canto dos grilos que ali habitavam, dividindo espaço com a pequena população local. A música produzida por eles, contudo, não era agradável; soava como uma mistura sinistra de gritos e sussurros, assustando qualquer um que a escutasse com mais atenção.

— Aurélia! — uma voz infantil gritou. — Ande mais devagar, por favor!

Aurélia se virou para trás e encarou a pequena menina que a seguia. Era uma cópia dela mesma: pele pálida como porcelana, olhos tão escuros quanto a noite e o longo e ondulado cabelo loiro, que reluzia à luz da lua. A menina tinha as bochechas coradas pelo frio do outono e a respiração ofegante, por tanto correr atrás da irmã.

— Pare de gritar — repreendeu a menina em um sussurro autoritário. — Não podemos fazer barulho, Ângela.

— Ora, pare de andar tão rápido, então! — retrucou, finalmente alcançando a irmã mais velha.

Aurélia rolou os olhos, impaciente, e continuou a caminhada pelas ruas escuras, sem se importar com o breu que as envolvia. Luz não era necessária, pois ela conhecia o caminho como a palma de sua própria mão e isso era mais que o suficiente para chegar ao seu destino.

As irmãs andavam apressadas e quem as visse certamente não ficaria em paz com a cena. A camisola longa e branca usada pelas duas voava com o vento gélido do outono e se fantasmas realmente existiam, elas seriam a representação perfeita. Apesar da

aparência angelical, havia algo as envolvendo, uma energia, talvez, que transformava a imagem num retrato sombrio e macabro.

Eram lindas e assustadoras, se é que isso era possível. Descrivê-las era uma missão mais complexa que o normal.

Elas se afastavam cada vez mais do vilarejo e a floresta verde e reluzente passou a acenar, como um convite caloroso. Não demorou muito para estarem caminhando pela terra molhada, as botas encharcadas e afundando na lama. Após alguns minutos de caminhada, as duas avistaram o antigo celeiro conhecido, que delimitava o início do território seguro.

Estavam em casa.

— Finalmente! — Uma senhora suspirou em alívio ao ver as meninas chegando à clareira. Baixa e voluptuosa, vestia a mesma camisola que as duas jovens e estava descalça. — Qual o motivo da demora? Já está quase na hora!

— Sua filha, mas é claro — respondeu Aurélia, impaciente, transmitindo toda a irritação característica da fase adolescente pela qual passava. Aurélia estava mais rebelde do que o normal e conviver com ela havia se tornado uma missão exaustiva para a mãe e a irmã. — Ângela anda tão rápido quanto uma tartaruga velha.

— Ei! — a mais nova resmungou, ofendida com o deboche na voz dela. Apesar de estar se acostumando com as ofensas gratuitas, elas nunca eram recebidas de bom grado. — Isso não é verdade, mãe.

A senhora balançou a cabeça, descontente com a briga entre elas, e puxou a pequena para seus braços acolhedores. Ângela sorriu com o ato e mostrou a língua para a irmã, que deixou as duas sozinhas, ignorando a provocação, e fez seu caminho até a roda de onze mulheres que se reuniam mais à frente. Aurélia tirou as botas encharcadas e colocou os pés descalços na terra, estabelecendo uma conexão familiar com a natureza.

— Alguém as seguiu? — a mãe perguntou, olhando pelo ombro, enquanto ajudava a mais nova a se livrar dos sapatos.

— Não, mãe — Ângela respondeu num tom tranquilizante.

As duas, então, se juntaram ao grupo, finalmente completando o círculo que havia se formado. Elas deram as mãos e começaram a murmurar em uma língua que se assemelhava ao latim. As

modificações no alfabeto eram específicas e tornariam a compreensão das palavras uma tarefa impossível para aqueles não familiarizados. Para elas, entretanto, a fluência vinha do berço.

O coro de vozes soava como uma canção de ninar e ornava perfeitamente com o murmúrio sombrio dos insetos noturnos. Era uma combinação singular, mas, que em seu contexto, traduzia-se como a mais perfeita harmonia.

A noite se estendeu e o grupo continuou a dançar e a cantar em equilíbrio, gozando de paz e quietude proveniente do escuro e da segurança das árvores que as cercavam e protegiam. A nova lua era motivo para celebração, por facilitar a canalização de energia, e a dança cíclica representava o movimento perfeito: *não havia início ou fim*.

Ali, no meio da natureza, podiam centralizar seu poder e o mais importante: podiam fazê-lo em segurança.

Ou ao menos era no que acreditavam.

Encontro

Quando a manhã começou a se aproximar, todas foram se despedindo, cada uma seguindo em uma direção diferente, e com a promessa de se reencontrarem em breve. A natureza e o marco de suas novas fases ditavam os dias dos encontros, pois eram os períodos que permitiam maior conexão com a terra. Canalizar energia em outros dias poderia ser uma tarefa difícil, que exigiria algum sacrifício, e não era isso que elas buscavam.

Equilíbrio era a palavra-chave.

No caminho de volta, Aurélia corria pela floresta sem se importar com o vento gélido queimando seu rosto ou com a lama que sujava a camisola. O ar frio da manhã e o cheiro de madeira molhada eram a sua combinação preferida desde criança. Sua mãe e irmã já haviam ido embora há algum tempo e ela, após muito implorar, ficou para trás. Dessa forma teria a liberdade necessária para demorar o quanto quisesse — e *ver* quem quisesse.

Ali perto, próximo à saída da floresta, vivia um garoto com sua família. E era ele quem ocupava os pensamentos de Aurélia desde que seus olhos encontraram os dele pela primeira vez, há pouco mais de um mês. Desde então, fazia questão de voltar para casa sozinha, pois a solidão matinal significava que poderia observar sorrateiramente, escondida entre as árvores, o menino, que sempre acordava cedo e se arrastava preguiçosamente até o galinheiro, com o objetivo de recolher os ovos botados no dia anterior.

Devia ser uma família de fazendeiros, a julgar pela quantidade de animais que ocupavam a propriedade. As roupas puídas do jovem e porte físico torneado também davam indícios dos trabalhos manuais que ele deveria realizar ali, ajudando o pai, provavelmente.

Ele não devia ter mais que dezessete anos. Apesar da beleza e do corpo bem esculpido, ainda possuía uma aura jovial.

Para Aurélia, poderia ser um deus em forma de gente. Ela nunca havia visto um garoto tão bonito e ficou absolutamente hipnotizada.

Na última semana, para sua surpresa, ele a viu. Os olhos azuis, meio cerrados para que pudesse enxergar de tão longe, encararam a menina com curiosidade. O coração de Aurélia batia tão forte que ela temeu que explodisse dentro do seu peito, e sua face corou instintivamente. O medo de ser descoberta se misturou com a adrenalina de finalmente ser reconhecida pelo garoto que assombrava seus sonhos e quando ele abriu um sorriso cortês em sua direção, ela suspirou aliviada.

E sorriu de volta.

O gesto foi o suficiente para os aproximar. E, a partir desse dia, encontravam-se sempre.

— Eu nunca vejo você ou a sua família na igreja — comentou o jovem. A voz dele era melodiosa e causou um arrepio na espinha de Aurélia.

Os dois haviam criado o recente hábito de se sentarem na grama todos os dias, afastados estrategicamente da casa, para conversar. Ele se chamava James e estava próximo de completar a maior idade. Seus pais, de fato, eram fazendeiros e Aurélia se sentiu satisfeita com a sua capacidade de dedução.

James passou os primeiros dias contando sobre a sua vida pacata, sem expor muitos detalhes a respeito da família, mas expressando seus sonhos, gostos e desgostos.

As perguntas que ele fazia a Aurélia também eram superficiais e não a assustavam, pelo contrário, faziam-na se sentir interessante, como se suas respostas causassem fascínio no jovem, por mais banais que pudessem ser. Mas a liberdade mais recente entre os dois começava a trazer também outros questionamentos. Questionamentos mais íntimos e perigosos.

E ao mesmo tempo que queria agradá-lo, contando histórias intrigantes e que captassem o interesse de James, ela também temia pelos seus segredos.

Aurélia desviou o olhar para uma carreira de formigas que andava na grama perto deles.

— Não temos o costume.

James riu, surpreso, achando graça na resposta. Talvez tivesse confundido a pergunta com uma piada. Afinal, quem não tinha o costume de ir à igreja? Além de bruxas, claro.

— E o que tanto fazem na floresta, perto da propriedade abandonada de *Willing*? Achei que os limites não pudessem ser ultrapassados.

O tom de voz dele, apesar de contido, transmitia o interesse. Aurélia era, de fato, uma criatura fascinante e tudo aquilo que a cercava também.

— Dançamos. — Deu de ombros, desconfortável com a pergunta. Sua mãe era bastante autoritária quando dizia que não deveria compartilhar nenhuma informação sobre os encontros e Aurélia, apesar de não entender a preocupação, costumava obedecer.

Até aquele dia.

A verdade era que sua família vinha de uma longa linhagem de “bruxas”, por assim falar, e, desde que Aurélia se entendia por gente, era uma também. Para a jovem, de apenas quinze anos, isso não significava muita coisa além da adoração pela natureza e uma esperteza acima da média. Sua cabeça era movida por uma curiosidade inesgotável e pouca — ou nenhuma — prudência.

Ela sabia que viviam um momento delicado e que acusações de bruxaria tinham graves consequências, mas ela não pensou que estaria se complicando ao contar para o garoto por quem nutria sua primeira paixão que costumava ir à floresta dançar com a sua família.

Era apenas uma adolescente inocente, afinal de contas.

E, na sua cabeça, não entendia como poderia ser considerada uma ameaça.

— Dançam? — o jovem questionou, estranhando a resposta. Era como se esperasse algo mais emocionante. *Ou suspeito.*

— Bom, sim. E cantamos, às vezes.

— Que tipo de canção?

— Do tipo normal. Com palavras, histórias...

— Será que eu conheço alguma? — perguntou interessado.

Ela balançou a cabeça.

— Dificilmente...

As canções eram sussurradas pela lua e proferidas em uma língua que poucos entendiam. Falavam sobre a natureza, a vida e a morte. Eram memoráveis, poderosas e um segredo a ser guardado a sete chaves. Pelo menos *isso* ela respeitaria.

Ele assentiu e abriu um sorriso antes de colocar sua mão por cima da mão de Aurélia, que estremeceu com o ato. Sua pele formigava pela excitação do primeiro toque íntimo entre os dois e o coração pulsava de forma vergonhosa. Nunca havia sentido nada do tipo. Por um momento, temeu que sua vulnerabilidade pudesse afetar seu bom julgamento, mas esse pensamento foi logo afastado pela expectativa.

Os olhos azuis do menino observaram uma pequena marca no pulso de Aurélia com curiosidade. Pelos segundos seguintes, pensou que ele fosse perguntar alguma coisa, mas se enganou ao escutar a voz macia como veludo.

— Obrigado por confiar em mim — ele agradeceu.

Aurélia sorriu timidamente e deixou que ele colocasse um cacho descontrolado de seu cabelo atrás de sua orelha, num ato de intimidade e afeto. Ao menos foi isso o que ela imaginou.

Traição

Pelos próximos dias o jovem casal continuou se encontrando secretamente, compartilhando segredos e toques, ambos proibidos. Um mais preocupante que o outro. Aurélia se sentia viva e cobiçada, um sorriso esperto passou a ser seu mais fiel companheiro.

Na última sexta-feira do mês, dia 31 de outubro, Aurélia se preparou para se reunir mais uma vez com seu pretendente secreto, mas foi descuidada ao sair de casa. Talvez a excitação a tivesse deixado mais desleixada que o comum, então ela não notou quando Ângela seguiu seus passos sorrateiramente. A caçula, também muito esperta e sagaz, havia notado o comportamento curioso da irmã mais velha e pensou que ela pudesse estar treinando o preparo de poções sozinha e a possibilidade deixou Ângela apavorada. Ela não podia ficar para trás em seus estudos.

Se Ângela tinha duas aulas por semana, Aurélia deveria ter o mesmo. Nada mais justo. Então, quando viu a irmã se esgueirando do casebre naquela manhã, após folhear algumas páginas de seu grimório, decidiu ver com os próprios olhos o que estava acontecendo.

A mãe estava distraída nos fundos da cozinha, tratando de uma queimadura nas mãos de uma senhora da região, que apareceu ali clamando pelos seus cuidados. Começava a correr o boato pelo vilarejo de que a mãe de Aurélia era uma curandeira excepcional, com um toque milagroso, capaz de apaziguar qualquer dor e melhorar a aparência das mais repulsivas feridas.

No fim, era uma mistura de curiosidade e medo que levavam as pessoas até a sua casa. Mas a mãe das meninas tinha um bom coração e tratava a todos, sem questionamentos.

Ao confirmar que a mãe estava ocupada, Ângela calçou os sapatos rapidamente e saiu porta afora correndo, para alcançar Aurélia. A irmã ainda não estava muito longe e ela não demorou para a encontrar. Então, após meia hora andando em passos apressados e silenciosos, prendendo a respiração toda vez que pisava em uma folha seca, a caçula finalmente descobriu o destino final da irmã.

Ao entender o que seus olhos enxergavam, Ângela segurou a respiração, com medo de ser escutada, e observou a cena com o mais puro horror estampado em sua face, os olhos esbugalhados analisando a imagem com nojo e terror.

Então era esse o segredo de Aurélia. E, infelizmente, não era nada do que havia imaginado. Era pior, *muito pior*.

Poucos passos à frente, Aurélia abraçou James, que a girou no ar, e o puxou para dançar pela grama. A proximidade dos dois, entretanto, não era o motivo do olhar apavorado de Ângela. A caçula não conseguia acreditar que a irmã havia compartilhado com ele movimentos tão preciosos e, acima de tudo, particulares. Ao contrário de Aurélia, que sempre foi um tanto impulsiva, ela era uma criança responsável, honesta e *leal*.

Por isso, não aguentou assistir à cena em silêncio. *Aquela* dança. Principalmente após o garoto encostar os lábios na bochecha rosada de Aurélia.

— Como você pôde? — bradou decepcionada, ao finalmente se revelar para o casal.

Aurélia arregalou os olhos, surpresa ao ver a irmã ali, e o jovem ao seu lado franziu a testa, confuso. Mas ao observar a menina, logo entendeu tudo. As semelhanças físicas entre as duas eram óbvias demais para serem ignoradas. Uma era cópia da outra.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Aurélia em um tom autoritário e preocupado. Ela não podia ter sido tão descuidada. Se sua mãe soubesse o que estava acontecendo, poderia muito bem morrer de desgosto.

A voz brava, entretanto, não foi o suficiente para intimidar Ângela, que ainda não havia perdido o brilho de decepção e raiva em seus olhos.

— Não acredito que você mostrou *a dança* a esse garoto — retrucou com a voz frustrada. Estava se sentindo traída, como quem tem seu segredo mais profundo exposto numa sala lotada. — Quando eu contar para a mamãe, você nunca mais sairá de casa. E nem ninguém. Você destruiu tudo!

Aurélia não soube o que responder. Ela sabia desde o início que não deveria ter compartilhado segredos tão confidenciais, mas James não iria traí-la, claro que não. *Ele a amava*.

— Eu nunca contaria para ninguém sobre vocês — James finalmente falou, intrometendo-se na discussão particular.

Mas sua voz era fraca e repleta de promessas falsas, e apenas uma das irmãs notou as más intenções.

Ângela o fitou com ódio estampado nos olhos escuros. A figura angelical, naquele momento, parecia possuída pelos piores sentimentos do mundo. Ele sentiu sua espinha gelar quando a menina murmurou algo em uma língua desconhecida e saiu correndo pela floresta.

— Eu sinto muito — Aurélia sussurrou, lágrimas começando a escorrer pelo seu rosto pálido, antes de depositar um beijo delicado nos lábios de James.

O contato, entretanto, não durou mais que dois segundos, pois logo ela já havia sumido pelas árvores, deixando para trás apenas um rastro de pegadas úmidas na terra e seu perfume floral no ar.

Confronto

Naquela noite, foi impedida de participar do culto. A mãe a deixou em casa, após um longo e decepcionado discurso sobre segredos e lealdade. Ela nunca havia visto a mãe tão desapontada e o sentimento era o mais amargo possível. Ângela sequer olhou em sua direção, fingindo não enxergar a própria irmã. Aurélia estava envergonhada pela sua atitude irresponsável, mas não completamente arrependida. *Ainda*.

A madrugada foi se aproximando e ela começou a sentir o coração pulsando dentro do peito. A noite a chamava como um ímã e ela não conseguia ficar parada. Sozinha em casa, pois o pai há muitos anos havia morrido, decorrente de um sério caso de catapora, não encontrou nenhum outro obstáculo além das vagas palavras da mãe, que a proibiu de sair. Mas àquela altura, o compromisso que fizera já não significava nada, não quando a hora das bruxas ecoava pelo seu corpo inteiro, tomando conta de todos os seus pensamentos. Aurélia foi possuída pela sua natureza e pelos seus instintos mais bárbaros, *precisava* sair.

Ela não teve tempo para calçar os sapatos e deixou o pequeno casebre em que morava com as portas escancaradas. Correu pelas ruas molhadas devido à chuva que havia atingido a região naquela tarde e não se importou com o frio que cortava sua pele como pequenos e afiados cacos de vidro. Algo estava acontecendo, e Aurélia sentia o perigo em todos os ossos de seu corpo. Enquanto disparava em direção à floresta, percebeu que lágrimas pesadas escorriam pelo seu rosto. Seu pulmão ardia.

O calor invadiu seu corpo antes mesmo de avistar a fumaça que vinha da floresta. Seus olhos não queriam acreditar na imagem, mas era incontestável. Não havia dúvidas do que estava acontecendo ali. O cinza se destacava no meio da floresta como uma mancha de sangue em um tecido branco. Era fogo.

Seus pés começaram a sangrar de tanto correr, a pele sensível sendo cortada por pedras e galhos, mas Aurélia continuou o caminho com toda a força que tinha. *Precisava* encontrar sua família.

Ela começou a escutar gritos e vozes, principalmente masculinas. “*Morte às bruxas!*”, gritavam impiedosamente. Quando finalmente chegou até a clareira, não se surpreendeu. Havia uma fogueira, labaredas grossas e vermelhas pulsando como um portão para o inferno. Mas qual inferno, afinal?

Sua família se encontrava no meio, amarrada por uma velha corda, e seu olhar se encontrou diretamente com o da irmã, como um ímã. Ângela tinha somente dez anos. *Era apenas uma criança.* A menina tinha o semblante assustado, sem entender o que estava acontecendo. Sua mãe, ao lado, parecia serena. Como se soubesse que seu destino era inevitável, o momento chegaria uma hora ou outra. Claro, não esperava que fosse tão cedo, mas o que mais poderia fazer? Tentar justificar seus atos inocentes para pessoas tão ignorantes nunca surtiria efeito algum. Cada palavra que saísse de sua boca seria traduzida naquilo que queriam ouvir. E os agressores, apesar de afirmarem que sim, não buscavam pela paz.

Na frente delas, um grupo descontrolado e bárbaro de homens e mulheres, apontando dedos e tochas, pedia a pena de morte. O crime? Bruxaria. Uma palavra vazia, que na boca dessas pessoas não carregava o significado correto e assassinava uma tradição inocente. Estavam cegos por um ódio gratuito. No meio dos selvagens, Aurélia avistou James, encolhido perto do pai. Seu coração se partiu, por tristeza e também por um avassalador ódio. Ela não queria acreditar que ele a tivesse traído, mas quem mais saberia sobre os encontros noturnos? Sobre a hora das bruxas?

A traição a atingiu como um tornado, levando consigo tudo de bom que havia em seu coração. Todos os momentos que compartilharam eram apagados com fúria e arrependimento por ter sido tão, tão tola.

Ainda escondida entre as árvores, os pés fincados na terra, começou a murmurar palavras desconexas em sua língua com toda a determinação que tinha. Possuída por mais sentimentos que poderia nomear, cantava um pedido de ajuda aos quatro elementos. Sentia ódio pela injustiça. Traição por James. E tristeza por sua família. Mas, acima de tudo, surpreendentemente ainda sentia amor. Pelos amigos. Pela mãe carinhosa e altruísta. Pela irmã, que seria queimada na fogueira por culpa de seus atos.

Aurélia apertava as mãos com tanta força que sua carne foi perfurada pelas unhas e sangue escorreu entre seus dedos. A cada palavra que saía de sua boca, mais força ela emanava. A terra havia atendido seu chamado e Aurélia estava atingindo o ápice de seu poder, aquele que cultivava desde que nasceu e o que recebia da natureza.

Os gritos revoltados continuavam tão altos quanto o barulho do fogo queimando, pronto para levar os corpos das pessoas que ela amava. Mas a noite não seria marcada pela morte de suas irmãs, não se ela pudesse evitar.

Então, após alguns longos e exaustivos minutos, a calma veio. Bom, ao menos para ela.

As chamas se moveram misteriosamente pela fogueira, ironicamente criando uma barreira de proteção entre o grupo de acusados e os bárbaros *justiceiros*. As bruxas, como eram preconceituosamente chamadas, se dispersaram pela floresta, tornando-se invisíveis em meio ao escuro. Sem entender o que estava acontecendo, o grupo primitivo passou a gritar de maneira estridente, podendo facilmente ser confundido com um bando de animais selvagens. Mas eram covardes demais para tentar atravessar o fogo e continuar a perseguição. “*Bruxaria*”, berravam com vozes esganiçadas.

Aurélia não pôde deixar de abrir um sorriso diabólico enquanto dava a volta na clareira e caminhava calmamente em direção à família, que agora a aguardava sã e salva do outro lado da floresta.

Ela não chamaria de bruxaria, mas aceitou o elogio.

Agradecimentos

O Segredo de Aurélia nasceu de um desafio: escrever um conto de Halloween em apenas um dia. Missão dada, missão cumprida. Quem me acompanha no Wattpad há algum tempo viu o lançamento dessa história lá em 2019 e agora todos vocês podem ler a versão final — que definitivamente não ficou pronta em meras 24 horas.

Quero, primeiramente, agradecer os meus leitores e leitoras: obrigada por tanto carinho e por continuarem lendo as coisas que eu escrevo. Ainda é um pouco surreal pensar que eu realmente tenho pessoas acompanhando essa minha jornada no mundo da escrita e eu sou imensamente grata a todos vocês!

Agradeço também ao meu pai, Alex, que vem sendo meu editor de confiança. Obrigada pela paciência e por todas as sugestões valiosas.

À minha mãe, Fabiana, que sempre me contou histórias de bruxas (reais e de ficção). Minha capacidade de imaginação é mérito seu.

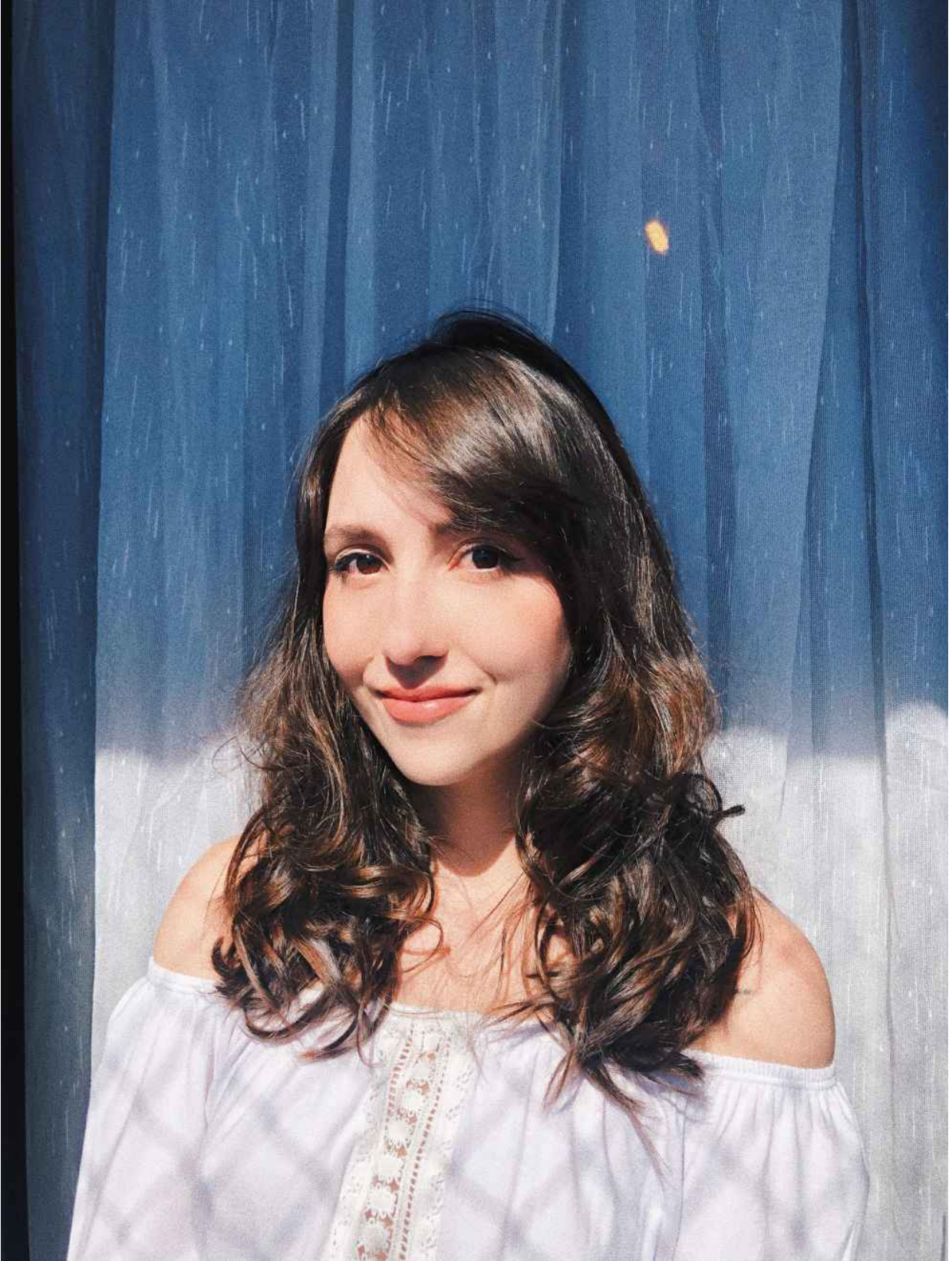
À Larissa, minha leitora sensível, que me fez comentários incríveis e possibilitou que esse conto tivesse os detalhes mais preciosos e verdadeiros. Obrigada!

Às minhas avós, pelo apoio e divulgação incansável.

E à minha irmã — *esse é para você.*

Aurélia não é Aurélia sem Ângela, assim como eu não sou eu sem você.

Sobre a autora



Esperanza Prado nasceu na década de 90 e é especialista em fatos aleatórios sobre uma banda chamada The Maine, Disney e cultura pop. Formada em Jornalismo, ela morou em mais países do que poderia imaginar e deixou seu coração espalhado por aí, criando raízes em vários cantinhos do mundo. Sempre sonhou em ser escritora, mas nunca achou que o dia em que finalmente publicaria um livro iria chegar (*spoiler*: ele chegou).

Onde encontrá-la:

[Instagram](#) - [Twitter](#) - [Wattpad](#)
@esperanzarmp

Outros livros

Hamartia



Amanda Moretti é fã de séries e filmes policiais. Curiosa além da conta, ela ama todo e qualquer tipo de mistério. Após Seamus Murray, seu orientador do mestrado em História da Arte, ser sequestrado na madrugada de uma terça-feira comum, ela vê sua vida virar de cabeça para baixo. Agora, suspeita de que o crime esteja relacionado com a pesquisa que os dois realizam na Universidade.

Para tentar descobrir o culpado e, com sorte, salvar a vida de Seamus, Amanda não vê outra alternativa a não ser aceitar a ajuda de Max Murray, o filho irritante, mas extremamente atraente, do professor.

Romance, mistério e humor se misturam no livro de estreia de Esperanza Prado, que tem como cenário as ruas e parques de Dublin.

[Compre aqui](#)